
VIOLÊNCIA E SUSPEIÇÃO: UM ESTUDO SOBRE OS CASOS DE ABORDAGEM E SELETIVIDADE POLICIAL NA BAIXADA DO AMBRÓSIO

VIOLENCE AND SUSPICION: A STUDY ON POLICE APPROACH AND SELECTIVITY IN THE BAIXADA DO AMBRÓSIO

Resumo

Fruto das reflexões do trabalho de conclusão de curso, este artigo discute as ações policiais que visam à busca pessoal em jovens sob a utilização motivadora da suspeição policial, partindo especificamente do campo simbólico e subjetivo que confronta o policial e o jovem. A pesquisa analisa, a partir de elementos que compõem a “tríplice da suspeição”, os mecanismos e critérios da construção do discurso que fundamenta a suspeição policial, buscando compreender a possível articulação entre acusados e a influência de filtros sociais na seleção e criminalização dos indivíduos. A pesquisa foi realizada em 2015, na comunidade da Baixada do Ambrósio, em Santana (AP), e desenvolveu-se a partir das seguintes vertentes: 1. pesquisa bibliográfica que possibilitou o contato com a literatura pertinente; e 2. pesquisa etnográfica com a realização de entrevistas abertas e semiestruturadas com moradores do bairro e policiais militares da Unidade de Policiamento Comunitário (UPC). A pesquisa analisa, ainda, como os policiais constroem o discurso que define quem é ou não um suspeito. Assim, parte-se da hipótese de que a suspeição não é aleatória, mas seletiva e sistemática. É um processo inquisitório pelo qual identidades são construídas e/ou atribuídas para habitar adequadamente no que é representado como um suspeito.

Palavras-chave: Suspeição. Abordagem. Seletividade. Violência. Baixada do Ambrósio.

Abstract

As a result of the reflections of the term paper, this article discusses the police actions aimed at the personal search of young people under the motivating use of police suspicion, based specifically on the symbolic and subjective field that confronts the police and the young. The research analyzes, from the elements that make up the “triple suspicion,” the mechanisms and criteria of the construction of the discourse that supports the police suspicion, seeking to understand the possible articulation between the accused and the influence of social filters in the selection and criminalization of individuals. The research was carried out in 2015, in the Baixada do Ambrósio community, in Santana (Amapá), and was developed based on the following aspects: 1) bibliographic research

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História – PPGH/Unifap e membro do Laboratório de Estudos da História Social do Trabalho na Amazônia – Lehstam. E-mail: csluisleal@gmail.com.

that allowed the contact with the relevant literature; and 2) ethnographic research with open and semi-structured interviews with residents of the neighborhood and military police officers from the Community Policing Unit. The research also analyzes how police officers construct the discourse that defines who is a suspect or not. Thus, we base ourselves on the assumption that the suspicion is not random, but selective and systematic. It is an inquisitive process by which identities are constructed and/or assigned to properly inhabit what is represented as a suspect.

Keywords: Suspicion. Approach. Selectivity. Violence. Baixada do Ambrósio.

INTRODUÇÃO

A polícia, como objeto de interesse acadêmico, é bastante “recente” nas Ciências Sociais, porém, nos últimos anos, uma grande leva de trabalhos relacionados à abordagem, à seletividade, à criminalização e à suspeição policial ganhou o cenário brasileiro. São trabalhos que chamam a atenção problematizando como a polícia vem atuando e categorizando indivíduos que são considerados suspeitos em algumas das principais capitais brasileiras.

A proposta inicial do artigo emerge da necessidade de entender o que leva um policial militar a considerar um cidadão como suspeito, e como o fenômeno da violência urbana é articulado na seleção e na criminalização de indivíduos. A pesquisa se concentra nas atividades realizadas durante o policiamento ostensivo da polícia militar da Unidade de Policiamento Comunitário (UPC) do Ambrósio, no município de Santana-AP.

A UPC foi inaugurada no dia 9 de novembro de 2012 e, antes da implantação da unidade, a Secretaria de Segurança Pública do Amapá promoveu um diagnóstico dos setores de inteligência para estudar a área, posteriormente, executou a Operação Saturação, realizada pelo Batalhão de Operações Especiais (BOPE). A lógica da atividade tinha como objetivo a assepsia social da região. Inicialmente, a UPC contou com um contingente de 38 policiais, e, ao longo dos anos, esse número foi consideravelmente reduzido. O trabalho de campo foi dividido em quatro momentos: o primeiro foi o período de reconhecimento e familiarização com local pesquisado; o segundo foi a realização das entrevistas abertas com 14 policiais de diversas patentes (soldados, sargentos e tenentes) e que já atuaram no policiamento ostensivo na Baixada do Ambrósio; o terceiro foi a aplicação das entrevistas abertas com 30 moradores do bairro de diversas profissões (dos sexos masculino e feminino, entre as idades de 16 a 64 anos); e, por fim, no quarto momento, foi realizada a coleta de dados sobre a violência na cidade de Santana, junto ao departamento de estatísticas do 4º Batalhão da Polícia Militar.

Neste deste artigo, o nome dos entrevistados será reservado, e serão descritos como: “Morador” e “Policial”. Optei por reservar os nomes por dois motivos. Primeiro sendo que a maioria dos moradores, durante a pesquisa, não queriam se identificar; e segundo, os policiais se comprometeram em responder as perguntas, porém, alguns pediram que suas identidades fossem ocultadas. Assim, é pertinente destacar que o lócus da pesquisa é uma área de conflito na qual os sujeitos então inseridos em um campo marcado pela violência e a sensação do medo e insegurança.

Frutos de uma ocupação desordenada, a Baixada do Ambrósio se constituiu sobre os alicerces do comércio informal, das dinâmicas ilícitas e das casas de prostituição. As ruas aglutinam uma grande quantidade de estabelecimentos como: “casa de show”, “casa de strippers”, bares, hotéis, pousadas, botecos, e, em geral, funcionam o dia e a noite toda.

Construída sobre um alagado de área de várzea, tendo, majoritariamente, uma população socioeconomicamente vulnerável do município de Santana, as casas são palafitas suspensas em área de ressaca, distribuídas de forma aleatória compondo um cenário dividido entre casas, estabelecimentos comerciais, igrejas, associações e estabelecimentos compostos (casa/comércio), na maioria apresentam estrutura de madeira. O bairro tem como única via de acesso pontes deterioradas.

Figura 1 – Mapa aéreo da área da Baixada do Ambrósio



Fonte: Satélite via Google Maps, 2022

Marcada como muitas das áreas “invisíveis” de nosso país, a Baixada do Ambrósio, do ponto de vista de políticas públicas, é extremamente esquecida pelo Estado, principalmente na condição da infraestrutura e nos serviços públicos básicos do bairro. Segundo o censo do IBGE (2011), realizado em 2010, são 953 domicílios particulares ocupados em área de ressaca para uma população de aproximadamente 4555 pessoas, uma média de 4,8 moradores por casa.

Por outro lado, o desamparo do poder público facilitou a instalação de redes do tráfico de drogas², e, principalmente, a dinâmica dos confrontos de gangues, que já existe no bairro desde as primeiras gerações dos anos de 1990. Durante as entrevistas, constatei que os moradores são percebidos como sujeitos imersos em um permanente sentimento de medo ambíguo, o que ocorre seja por conta da criminalidade instaurada no local a partir dos furtos, roubos e assassinatos, seja por conta da grande sensação de medo que a abordagem policial representa para os moradores. “Nós nunca sabemos até que ponto a polícia pode nos confundir com bandidos”. (MORADOR, 2015)

As primeiras visitas na comunidade apresentaram bastantes dificuldades, principalmente porque eu era estranho aos olhos dos moradores, e isso dificultava a espontaneidade das entrevistas. Tive também, dificuldades em entrevistar os policiais, pois alguns não queriam falar sobre as abordagens e outros se recusavam em dar qualquer tipo de informação sobre a atividade.

Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito da Sociologia e da Antropologia, da violência e do conflito. Suas análises objetivam compreender a articulação do fenômeno da violência com os casos de seleção e suspeição policial a partir da lógica da “tríplice da suspeição”. Seleções que são fundamentadas a partir de *estereótipos*, de *características* de indivíduos e de *lugares* que são acumuladas durante todo o processo de formação histórico-social da violência no bairro.

Este artigo inicia fazendo uma abordagem sobre a noção da fundada suspeita e como é constituída essa ação a partir da subjetividade do policial. No primeiro momento, a tentativa é discutir que a suspeição policial é difusa e subjetiva, uma escolha de abordagem que não é aleatória e depende em larga escala do ponto de vista do policial.

Por fim, este artigo apresenta e analisa os desdobramentos dos dados que foram coletados nas entrevistas realizadas com os policiais referindo-se à tríplice da suspeição. Este momento discute, ainda, os principais elementos que, segundo a polícia, “acionam” a suspeição policial.

2 Na região, essas redes de tráfico e comércio são conhecidas como “Bocas de Fumo”.

FUNDADA SUSPEITA³: AÇÃO POLICIAL QUE ANTECEDE A ABORDAGEM

A atividade que tem como finalidade o primeiro contato físico do policial com o suspeito e é baseada na fundada suspeita, é conhecida popularmente por “baculejo”, “revista”, “dura”, entre outras denominações que varia de região para região. Essas expressões fazem referência ao ato realizado pelo policial, quando ele desenvolve a ação de procurar no corpo do indivíduo “instrumentos” que lhe aponte uma conduta possivelmente criminosa. Neste caso, a abordagem policial é entendida como a maneira pela qual o policial tende a evitar possíveis crimes ou infrações.

Não é de hoje que a busca pessoal realizada pela polícia militar vem sendo bastante criticada por diversos segmentos da sociedade. Ainda que sua normatização esteja prevista no artigo 244 do Código de Processo Penal, a fundada suspeita se apresenta ainda atualmente como vaga e subjetiva, dependendo do ponto de vista do policial.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 144, que trata da segurança pública, prevê que a Polícia Militar é uma das instituições do Estado, que tem como missão garantir a ordem e a segurança dos cidadãos. Em tese, qualquer cidadão que circule pelas ruas, a pé ou em qualquer meio de transporte, pode ser parado e revistado em uma ação policial rotineira ou especial de prevenção à criminalidade durante o trabalho ostensivo. Apesar disso, na prática, não é isso que acontece, apenas alguns indivíduos serão escolhidos, e sabe-se que essa escolha não é aleatória, mas seletiva, que depende em larga medida de critérios prévios e subjetivos da fundada suspeita. (RAMOS; MUSUMECI, 2004)

Para Michel Misse, a figura do suspeito é um “mecanismo ativado por signos que quebram a expectativa de confiança e que ativam uma atenção seletiva culturalmente acumulativa”. (MISSE, 1999, p. 71) É o processo pelo qual identidades são construídas e atribuídas para habitar no que é representado como um suspeito.

Cabe lembrar que, durante o trabalho ostensivo realizado pela polícia, a suspeição policial pode ocorrer fora do contexto da ocorrência, a qualquer momento dependendo da vontade dos policiais, ou ainda, sem informações preliminares e concretas para fundamentar a suspeição; conseqüentemente, essa falta de informação pode estar mais aberta ao acionamento de estereótipos e preconceitos durante as abordagens. (RAMOS; MUSUMECI, 2004)

3 Pressuposto previsto no artigo 240 § 2º e 244 do Código de Processo Penal brasileiro (1941).

Durante a pesquisa de campo, constatou-se que a suspeição policial tem ao menos, duas facetas: na *primeira*, a acusação é um ato subjetivo que depende de elementos como, características, lugar e atitude suspeita; na *segunda*, a acusação é sistemática e estigmatizada, ou seja, alguns indivíduos são marcados pelos crimes que outrora cometeram dentro da comunidade, e a partir destes eventos, como pontuou alguns moradores, sempre serão abordados pela polícia, porque, para polícia, coloca-los em vigilância é o correto para prevenção da criminalidade.

Nas análises de Kant de Lima (1989, p. 66), “a polícia exerce uma ação de caráter inquisitório transmitido e reproduzido nas práticas policiais”. Essas ações produzem e reproduzem verdades que influenciam diretamente o âmbito da comunitário, ou seja, de maneira “não oficial”, a polícia efetua punições aos indivíduos, passando a sensação de que os abordados são possíveis transgressores da ordem e da lei.

A PM do Amapá, através do Procedimento Operacional Padrão (POP), esclarece que o policiamento ostensivo é uma modalidade de polícia de manutenção da ordem pública, exclusivo da PM. “O policial militar, no geral, deve possuir uma só tendência e um só esforço, *apreservação da vida*. Assim, as normas entendidas como regra, preceito, modelo, lei, disposição legal não pode ser modificada pela vontade particular”. (AMAPÁ, 2008). O POP, a partir de suas diretrizes, estabelece quatro níveis de abordagens, que variam de acordo com o grau de suspeição do policial. Entre esses níveis, de modo oficial, alguns podem apresentar ações legais que venham a constranger os abordados.

A escolha dos níveis de abordagem acontece quando a polícia escolhe o suspeito, ela baseia-se na concepção mais simples do desvio, que é a quebra da regra do consenso estabelecido pelas leis e normas, ou seja, tudo que varia excessivamente de a regra constituída partir da lei é traduzido socialmente como uma ação desviante.

Conforme Howard Becker (2008, p. 30), “o desvio é criado pelas relações de pessoas a tipos particulares de comportamentos, pela rotulação desse comportamento como desviante”. O autor considera o desvio “como o produto de uma transação efetuada entre um grupo social e um indivíduo que, aos olhos do grupo, transgrediu uma norma”. (p. 22) Por outro lado, o desviante é aquele a quem esse “rótulo” foi aplicado com sucesso.

Na lógica policial, os indivíduos que fogem aos padrões de ações “normais” de conduta social, são tratados como transgressores das regras vigentes, portanto, um desviante. Neste contexto da suspeição, o comportamento desviante é aquele que a polícia rotulou como tal.

Segundo Vilar Noronha e Torres de Cerqueira (2006), o uso da busca pessoal na atividade policial vem sendo utilizada, cotidianamente, como uma forma preventiva e de verificação de pessoas suspeitas de estar cometendo ou prestes a cometer algum ilícito. Todavia, o modelo de ação policial implantado não satisfaz esta expectativa, seja porque não assegura o policiamento do bairro, seja porque os próprios policiais cometem inúmeros abusos de autoridade.

A TRÍPLICE DA SUSPEIÇÃO: AS CARACTERÍSTICAS, A SITUAÇÃO E O LUGAR SUSPEITO

Antes de iniciar os resultados da pesquisa, quero registrar a dificuldade que foi realizar as entrevistas com os policiais. Em primeiro lugar, falar sobre abordagem com eles é um tanto quanto problemático, porque, para a polícia, as abordagens nunca são uma ação subjetiva do policial, e sim uma “ação realizada a partir da vasta experiência do policial para detectar o *malaco*”⁴. (POLICIAL, 2015). Em segundo lugar, as respostas obtidas nas entrevistas foram quase que todas carregadas de “piadinhas” sobre a figura dos jovens infratores do bairro. Em alguns casos, os policiais se negavam em responder as perguntas do roteiro de entrevistas. Apesar disso, utilizando a mesma pergunta que foi elaborada por Ramos e Musumeci (2004), percebi que nas respostas obtidas dos policiais, a pergunta mais contraditória para eles responderem também foi: “O que leva um policial a considerar uma pessoa suspeita?”.

Como reação defensiva para a pergunta, os policiais utilizam um discurso que substitui o suspeito pela variação de três elementos que eles consideram ser mais pertinentes usar: *as características; o lugar; e a situação suspeita*. Para a polícia, é a combinação de um ou mais destes elementos o principal motivador da suspeição policial, e não apenas o indivíduo, no entanto, quando essa mesma pergunta é feita para os moradores do bairro, as respostas são bem diferentes das falas dos policiais.

Para a polícia, a resposta a partir desses três elementos é, de fato, uma forma defensiva para esconder sua subjetividade na escolha do suspeito. Para os moradores, os elementos são variados, como: a cor da pele, a forma de se vestir, o jeito de andar, a faixa etária, a condição econômica, de como se organizam e o lugar onde se encontram. Assim, as informações prestadas pelos policiais contradizem com a realidade apresentada pelos moradores.

4 Expressão utilizada pelos policiais militares do Amapá para definir os jovens infratores, e/ou os jovens que cometem crimes e delitos de forma artesanal e malsucedida.

A partir das informações prestadas pelos policiais, pude constatar que pelo menos três grupos de circunstâncias são preponderantes para fundamentar a condição de suspeito. Cada grupo é analisado a partir do discurso que compõem um eixo de suspeição que foram divididos e serão discutidos de acordo com as informações dos policiais.

No Quadro 1, organizei alguns elementos que durante as entrevistas apareceram como fator primordial na categoria sobre *as características* dos indivíduos que são considerados como suspeitos pela polícia.

Quadro 1 – Grupo de elementos que compõem as características dos suspeitos⁵

A	Faixa etária das pessoas abordadas com frequência pela polícia	14 a 16 anos	17 a 18 anos	19 a 20 anos
		50%	29%	21%
B	Maior contingente étnico-racial de indivíduos que podem ser considerados suspeitos*	Negro	Pardo	Branco
		36%	50%	21%
C	Traje (parte superior) utilizado pelos indivíduos suspeitos	Camisa manga longa	Camisa manga curta	
		79%	21%	
D	Traje (parte inferior) utilizado pelos indivíduos suspeitos	Calça com fundo grande	Bermuda folgada aparecendo à cueca	Bermuda jeans
		29%	29%	43%
E	Características do cabelo dos indivíduos considerados suspeitos	Coloridos, mechas loiras	Longos	Raspados
		61%	20%	19%

*Apenas um policial se absteve em responder, afirmando que a cor da pele não importa na suspeição.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No item A do Quadro 1, identifiquei que metade dos policiais entrevistados (50%) afirmam que os suspeitos estão potencialmente na categoria da idade de 14 a 16 anos, o que demonstra que o público-alvo da suspeição recai sobre os adolescentes. Para os policiais, a justificativa de abordar esse grupo está no fato de que o grupo é responsável pelo grande número de atos infracionais ocorridos no bairro, o que conseqüentemente os coloca como possíveis suspeitos.

5 Para a realização deste artigo, tomo como referência o trabalho, “Imagens Borradas: jovens da periferia de Belém e seus encontros com a polícia” de Brito et al., apresentado no XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, em 2013, no qual algumas questões nortearam os formulários realizados na pesquisa.

Segundo Ramos e Musumeci (2004, p. 40), a política de “guerra às drogas” contribuiu para a “demonização” dos jovens. Assim, a atenção maior está voltada para os mais jovens, principalmente aqueles que transitam próximos aos locais do circuito do comércio de drogas e/ou das “bocas de fumo”, como no caso da Baixada do Ambrósio, onde, segundo a polícia, existe uma grande rede do tráfico de drogas.

Já no item B, referindo-se ao grupo étnico predominante na suspeição, na percepção dos policiais, os indivíduos designados como negros (36%) e pardos (50%) continuam sendo o principal indicador da suspeição. Se somarmos o número de entrevistados, teremos 12 dos 14 policiais que responderam sem pudor que a cor da pele entre negro/pardo ainda continua caracterizando o suspeito. Ainda neste contexto, apenas um policial afirmou que a suspeição não depende da cor da pele, mas da situação em que o indivíduo se encontra. Para os policiais, não são eles que selecionam o suspeito a partir da cor da pele, mas a sociedade.

Segundo Rodrigues (2011, p. 2), a escravidão negra no Brasil foi determinante para o processo de exclusão social da população negra. Os grupos de capoeiras foram alvos do controle repressivo da força policial instituído pelo código penal de 1890. Para o autor, esses conflitos gerados pela vigilância do Código Penal da época contribuiu para reforçar a imagem do negro como um indivíduo perigoso, violento e antissocial.

Sob forte influência da escola positivista do século XIX, alguns grupos foram marcados e categorizados como: perigosos e desocupados, que precisavam ser contidos do convívio social. Então, coube à polícia o papel de selecionar esses grupos tidos como “anormais”. Desta forma, grupos categorizados como perigosos estão mais próximos de ser rotulados como “anormais”, o que implica dizer que, quando a polícia percebe o criminoso como “anormal”, ela está utilizando a herança da criminologia positivista, que trata o criminoso como monstro humano.

Para Michel Foucault (2010), essa noção de monstro humano é apenas jurídica, uma noção a partir de alguém que viola as leis. A noção de monstro humano que recai sobre o criminoso é, para Foucault, uma noção apenas que combina o proibido com o impossível. O criminoso é “aquele que rompe o pacto, quando precisa ou tem vontade, quando seu interesse

6 Propriedades familiares onde acontece a venda e a distribuição de drogas, em muitos casos, os sujeitos são adultos (homem e mulheres), e envolvem uma série de indivíduos que constituem as dinâmicas dos mercados ilícitos.

manda, quando num momento de violência ou de cegueira ele faz prevalecer à razão do seu interesse”. (FOUCAULT, 2010, p. 80)

O bandido, nesse sentido, é um monstro acima de tudo, porque viola o pacto social naturalizado, e, principalmente, viola o direito de propriedade. Assim, “o fato de ser negro, pobre ou sem emprego é um parâmetro na construção de critérios fundamentados sobre estereótipos capazes de denunciar e identificar o *elemento suspeito*”. (RAMOS; MUSUMECI, 2005, p. 81)

No item C, o que mais chama a atenção do policial na abordagem é o fato do indivíduo usar uma camisa de mangas longas (79%). Para os policiais, não é natural que alguém em pleno “sol quente” use este tipo de vestimenta, ou seja, “é um sinal claro de que o indivíduo está carregando uma arma ou faca por debaixo da camisa”. (POLICIAL, 2015)

É importante destacar que esse fator pode ser combinado com outros relacionados à forma de vestir, como podemos ver nas respostas do Quadro 1 referentes ao item D, quando relacionado ao tipo de calça que o indivíduo usa. Para os policiais, a grande maioria dos abordados está usando bermuda Jeans (43%) ou calça com fundo grande (29%).

Na narrativa dos policiais, as bermudas jeans são sempre colocadas em evidência na suspeição, “principalmente as bermudas da marca tripé”. (POLICIAL, 2015) Os policiais afirmam que essa é a moda dos *malacos*, o jeito de se vestirem. Em síntese, se o indivíduo estiver transitando nas pontes do bairro, de camisa manga longa e de bermuda jeans, existem grandes chances de ele ser parado e abordado pelos policiais.

Nos trabalhos de Aquino e Barreira (2013, p. 14), a imagem do ‘Pirangueiro’, personagem marcante nas terminologias associadas às atividades criminais de jovens na cidade de Fortaleza/CE é muito semelhante à imagem que a polícia militar descreve sobre *malacos* que moram ou transitam no bairro. Assim como o “pirangueiro”, o “malaco” é aquele que, além de amador para cometer atos delituosos, é tido como viciado em alguma modalidade de droga. Da mesma forma que em Fortaleza-CE, em Santana-AP, a imagem do “malaco” vem sendo utilizada para se referir a jovens moradores da periferia que cometem crimes na cidade.

Finalizando o Quadro 1, o item E demonstra que, da mesma forma que a vestimenta, o tipo de cabelo pode ser um forte indicador para a suspeição policial. Segundo os policiais, os indivíduos que mais são abordados durante o patrulhamento no bairro são os que usam os cabelos coloridos, ou com mechas loiras (61%). A justificativa dos policiais é de que essa é a marca

comum utilizada pelos menores infratores no bairro, e principalmente a moda dos *malacos*.

Para Costa (2009), na periferia de Belém-PA e em outras periferias da região Norte, a personalização do cabelo representa uma das características que identificam os membros dos fã-clubes de tecnomelody⁷. Os jovens que participam desse movimento pintam os cabelos como forma de autoafirmação dentro dos grupos. Por outro lado, o ritmo do tecnomelody é ainda visto como um estilo musical típico das periferias e das camadas populares, o que evoca percepções de violência e certa desordem nos locais das festas. Consequentemente, os jovens da periferia que pintam os cabelos para participar dos fã-clubes estarão inseridos, segundo os dados da pesquisa, como principais indivíduos sujeitos às abordagens e seletividade policial. Neste caso, o que está em jogo na abordagem policial é a identidade de grupos ao qual o jovem pode pertencer, e não sua atitude em relação a atos ilícitos.

O segundo grupo de elementos que será analisado neste artigo se refere às falas utilizadas pelos policiais para justificar a *situação* a partir das quais o indivíduo pode ser considerado um suspeito. Durante as entrevistas, percebi que, no discurso dos policiais, a ideia do “olhar clínico do policial” (POLICIAL, 2015) é o principal argumento para fundamentar a situação suspeita. É a partir de sua experiência de atuação nas ruas que o policial seria capaz de identificar o suspeito.

Para Reis (2002), a situação suspeita está diretamente relacionada com o local onde o indivíduo se encontra, ou seja, em muitos casos, o lugar tido como perigoso vai influenciar muito na hora de considerar um indivíduo em uma atitude suspeita. Por outro lado, “o uso do termo, associa, ainda, marginalidade com as classes urbanas pobres, desempregados ou subempregados”. (REIS, 2002, p. 187)

No discurso policial, esses grupos, por se encontrarem em uma situação do ócio, estarão mais propensos a cometerem crimes, principalmente os indivíduos que estejam parados em uma esquina. O Quadro 2 demonstra alguns dos elementos que apareceram como fator primordial no discurso dos policiais referindo-se à *situação suspeita*.

7 É um gênero musical popular que surgiu em Belém do Pará nos anos 2000. Agrega no ritmo generos como o brega tradicional, o calypso, o forró, o bolero, o merengue e o carimbó, até a música eletrônica.

Quadro 2 – Grupo de elementos que compõem a situação suspeita

A	Situação quanto à maneira do indivíduo transitar no bairro	Portar mais de um celular	Nervoso	Carregando um utensílio do lar
		50%	21%	29%
B	O que chama mais a atenção do policial quando avista um indivíduo	Jeito de andar	Falar em gírias	Olhos vermelhos
		57%	29%	14%
C	Em qual situação o indivíduo é considerado suspeito quando estiver em uma bicicleta	Andar com um passageiro na garupa da bicicleta	Andar em uma bicicleta personalizada	
		80%	20%	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nas respostas obtida pelos policiais no item A do Quadro 2, o que chama atenção são os elementos que indicam suspeição quando o indivíduo está caminhando nas passarelas do bairro. Segundo os policiais, o maior indicador desta categoria é quando uma pessoa está portando mais de um celular na mão (50%).

No discurso policial, não é normal que os jovens do bairro com baixo poder aquisitivo possam ser detentores de mais de um celular, automaticamente, a polícia cria uma imagem negativa sobre os indivíduos e os objetos que estes possam portar em mãos, associando a imagem do jovem como um possível consumidor de drogas⁸.

Misturam-se na situação suspeita outros elementos deste grupo, como o nervosismo (21%). Para a polícia, quando um cidadão se depara com um policial e fica nervoso, é sinônimo claro de que ele fez alguma coisa: “se está nervoso é porque deve” (POLICIAL, 2015), ou ainda, se o indivíduo estiver carregando um utensílio doméstico dentro do bairro (29%), e “fora do horário”, ele será um forte candidato na seleção policial. Isso é bastante problemático porque no bairro não há outros meios de fazer as mudanças domésticas, a não ser carregando os utensílios pelas passarelas. Quando eu questionei essa situação, defensivamente, os policiais afirmaram que as abordagens, neste caso, só irão acontecer se os indivíduos estiverem carregando objetos à noite.

8 Nas narrativas policiaescas, na mídia local e para muitos moradores do bairro, é muito comum que jovens viciados sem poder de compra realizem a troca de objetos de valores (aparelho de celular, relógio, eletrodomésticos, bicicletas e bombas hidráulicas) com os donos da boca de fumo.

Já no item B, os policiais entrevistados indicaram que o jeito de andar (57%); a forma como o indivíduo fala utilizando-se de gírias (29%) e a cor dos olhos vermelhos (14%) ocupam uma certa preferência na hora das abordagens. Para os policiais, a forma como o indivíduo anda “balançando os braços” e a forma como ele fala utilizando códigos (gírias) o caracteriza como um possível *malaco*. Quanto à justificativa para os olhos vermelhos, os policiais afirmam que é muito comum os jovens apresentarem essa característica, haja vista que dentro do bairro existem muitos usuários de drogas. No discurso policial, esses elementos apresentam a marca dos jovens que participam dos movimentos de gangues. O jeito de “balançar os braços” e de falar utilizando-se de gírias “é uma forma dos jovens impor respeito aos demais membros do grupo”. (POLICIAL, 2015)

Sobre essa questão, quando eu perguntei para os policiais se existia um estudo preliminar para comprovar essas informações, os policiais me responderam que não, mas o que pesa neste caso é a vivência, e o “faro” do policial para detectar o suspeito. O que dá para perceber, na verdade, é que existe na fala dos policiais um alargamento da subjetividade na hora de escolher o suspeito.

Já para o item C do Quadro 2, a suspeição sobre os ciclistas recai em indivíduos que transitam com passageiros na garupa da bicicleta (80%). Para os policiais, essa informação representa a facilidade que dois indivíduos têm em cometer assaltos contra pedestres ou ciclistas. Para eles, o grande número de assaltos que é realizado na cidade é composto por dois indivíduos em uma bicicleta. Segundo o entrevistado, “essas abordagens com ciclistas ocorrem mais na parte alta do bairro, onde as ruas são asfaltadas e há várias saídas de fuga”. (POLICIAL, 2015)

Sobre as bicicletas personalizadas, os policiais justificam que a situação suspeita não é baseada a partir das características do indivíduo que conduz a bicicleta, mas na personalização da bicicleta, pelo fato de que ela possa esconder em sua estrutura física. Na fala do policial, fica evidente que a suspeição não está vinculada tão somente às características do suspeito, mas também nos meios utilizados, como transporte por esses indivíduos, principalmente se for uma bicicleta personalizada. Neste sentido, a situação suspeita é baseada nas características do indivíduo e nos objetos utilizados no dia a dia, deixando a escola ainda mais seletiva por parte do policial.

Por fim, o terceiro grupo de elementos que foi analisado refere-se às falas utilizadas pelos policiais para justificar o *lugar suspeito*. Durante as entrevistas, constatei que o lugar é responsável para complementar os outros indicativos na suspeição, como as características e a situação suspeita. É através do

lugar que os outros poderão ser acionados, ou seja, o indivíduo pode ser mais ou menos suspeito, de acordo com suas características físicas e seu modo de agir, neste sentido, o que vai decidir potencialmente o suspeito é o fator lugar.

Conforme Ramos e Musumeci (2005), durante a suspeição, o policial faz uma visualização geral do perfil do indivíduo (biótipo, vestimenta e modo de agir), de forma que seja possível verificar se a pessoa pertence ou não ao local da abordagem. Por exemplo, se um jovem negro e pobre está caminhando em um bairro de classe média, a leitura do policial vai se basear se aquele indivíduo pertence ou não ao local da abordagem.

Assim, “o policial faz um recorte sócio-econômico com base na mensuração da distância da moradia do indivíduo e executa a abordagem”. (RAMOS; MUSUMECI, 2005, p. 78) Daí o porquê, que em muitos casos as abordagens são sempre acompanhadas da fala, “onde você mora?”. Nessa lógica, pode-se considerar que toda a Baixada do Ambrósio é um lugar suspeito, no entanto, para a polícia, a Baixada do Ambrósio é um lugar suspeito devido a uma combinação de outros elementos, como podemos ver no Quadro 3.

Quadro 3 – Grupo de elementos que compõem o lugar suspeito

A	Os lugares mais prováveis de encontrar pessoas suspeitas	Parado nas passarelas	Andando nas passarelas	Parado em frente às festas
		50%	21%	29%
B	Sobre a situação dos locais, quais são os lugares mais prováveis de encontrar pessoas suspeitas?	Parado no escuro	Encostado no muro	
		100%	-	
B	Quanto ao posicionamento do indivíduo nos locais, o que mais chama a atenção do policial?	Frente a comércio	Frente de escola	Esquina
		50%	21%	29%

Fonte: Elaborado pelo autor.

No item A do Quadro 3, os locais onde os indivíduos se encontram no bairro também é um forte indicador para a suspeição. Assim, indivíduos parados (43%) ou andando nas passarelas (29%) do bairro, e principalmente concentrados em frente às casas de festas (29%), são potencialmente suspeitos.

Para os policiais, não são apenas os locais que são fortes indicadores para as ações de abordagens, mas quando o indivíduo está nesses espaços, uma gama de outros elementos se somam ao local para a determinação da fundada suspeita. O simples fato de ele estar parado em frente a uma casa de festas representa

muita coisa, “em muitos casos esses indivíduos estão caçando confusão”. (POLICIAL, 2015) Já no item B, todos os policiais responderam que o indivíduo parado no escuro (100%) representa um perigo eminente, e, para esse tipo de situação, a abordagem acontece sempre no nível 4º.

Segundo Zygmunt Bauman (2001, p. 8), na escuridão, tudo pode acontecer, fica muito difícil saber o que aquele lugar pode reservar. No entanto, a escuridão não constitui a causa do medo, mas é o “habitat natural da incerteza”, e, portanto, do medo, e o medo, é mais assustador quando difuso, disperso, desvinculado, flutuante, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte. O medo, para o autor, é o nome dado para as nossas incertezas.

Assim, o policial tomado pelas incertezas do ambiente (apenas no sentido do que venha ameaçar sua integridade física), do que aquele lugar pode representar, aciona como mecanismo de defesa suas “certezas” sobre os lugares na hora de abordar determinados sujeitos. Portanto, toda a ação policial promovida em indivíduos que se encontra no escuro é baseada nas suas “certezas” e seletividade da suspeição.

Ainda no que se refere ao item B, alguns policiais relacionaram também a condição se um indivíduo estiver encostado no muro. Para a polícia, é preciso ficar atento com esses jovens, “pois esses indivíduos estão sempre observando a movimentação das pessoas para poder fazer as vítimas certas”. (POLICIAL, 2015) Para os policiais, não é normal que alguém esteja encostado no muro, ainda que seja só para se refrescar na sombra que ele possa produzir.

Finalizando o Quadro 3, no item C, quanto ao posicionamento do indivíduo no local suspeito, à frente dos estabelecimentos comerciais (50%) apresentou uma maior indicação por parte dos policiais. Segundo eles, isso se deve ao fato desses locais apresentarem um grande índice de furtos e roubos praticados por menores infratores nos estabelecimentos.

A mesma lógica é apresentada para os indivíduos que ficam parados na frente das escolas (21%), porém, “neste caso, o policial deve ter muita perícia, pois se sabe que nesses locais há muita gente de ‘bem’ que vai buscar um irmão, ou um parente na escola, principalmente se o estudante for menor”. (POLICIAL, 2015) Assim, na fala do policial, percebe-se que a probabilidade de o indivíduo ser abordado vai depender muito da subjetividade do policial, que aqui é representada como perícia.

9 “É aquela realizada quando os abordados são encontrados na flagrância do delito, ou logo após, com objetos ou condutas que façam presumir serem eles os autores do fato delituoso”. (POP/0018, 2008) “Nesse nível é permitido o constrangimento, os abordados devem ser colocados sempre em posição horizontal ao solo”. (POLICIAL, 2015)

Já para o indicativo que aponta a esquina (29%), o discurso dos policiais é sustentado no fato da esquina permitir uma ampla visualização da movimentação das pessoas e permitir também um ótimo local para executar um plano de fuga no caso de assaltos e outros delitos, e ainda, a esquina é onde o traficante costuma comercializar drogas dentro do bairro.

Os dados citados na pesquisa de campo conduziram a um estudo sobre a suspeição policial, e de como em muitos casos o discurso policial se apresenta como contraditória, revelando, a princípio, que muitos policiais militares possuem uma grande dificuldade em responder: “O que leva um cidadão a ser considerado um suspeito?”.

Assim sendo, muitas respostas estão situadas em um discurso mais defensivo por parte dos policiais, dizendo que não existem “pessoas suspeitas”, mas situações suspeitas. Porém, os dados apresentados neste artigo mostram que existe na suspeição policial um acúmulo de elementos que combinam: as características do suspeito, a situação suspeita e o local suspeito.

Esse incremento de elementos considerados norteadores da suspeição, constroem a condição do suspeito tendo como referência os espaços da Baixada do Ambrósio, ou ainda, características cujos frutos estão ligados a estereótipos construídos sobre indivíduos. Os policiais relacionam o biótipo, o local e a previsão do comportamento com o objetivo de conter as ações criminosas. Essa atenção, todavia, tem uma população certa: são jovens, pobres, negros, ou seja, os grupos vigiados pelo incremento da segurança pública brasileira.

Finalizando, o objetivo central deste artigo foi discutir, à luz das entrevistas, de que forma os policiais utilizam discursos para sustentar as abordagens a partir de escolhas que são carregadas de elementos marcados por “símbolos” e marcas sociais/biológicas que são acumuladas socialmente durante toda a formação socioeconômica da Baixada do Ambrósio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação da polícia, em nível nacional, vem ganhando bastante espaço nas pesquisas realizadas por nós, cientistas sociais. Ainda que de forma incipiente, muitos trabalhos colocam em xeque a atividade ostensiva que a polícia vem realizando nas ruas de nosso país. No estado do Amapá, as pesquisas são ainda mais tímidas, ou praticamente inexistentes, portanto, esse estudo abordou apenas um pequeno recorte da problemática da atividade ostensiva realizada pela Polícia Militar do Amapá.

A partir do trabalho realizado, pode-se entender que as abordagens policiais que visam à busca pessoal e são praticadas na Baixada do Ambrósio não são aleatórias. É através dos estereótipos do policial que ocorre sua escolha do suspeito, e é ele quem determina a partir de rótulos, quem é ou não um possível “criminoso”, uma seleção que é sistemática. Por outro lado, conseqüentemente, a fundada suspeita é um mecanismo ativado por signos culturalmente acumulativos, que vêm das raízes das policiais imperiais e das academias de polícia e são introduzidas aos cursos de formação de soldados.

A grande preocupação está voltada para a subjetividade da fundada suspeita que ainda, apresenta-se como vaga dependendo em larga escala do ponto de vista e da ação do policial efetuando sobre os indivíduos um pré-julgamento relacionando a figura do criminoso.

Este artigo, enfim, analisou um fenômeno complexo que envolve múltiplos sujeitos. A fundada suspeita emerge, sem dúvida, como uma problemática que deve ser colocada em evidência. Ao compreender uma pequena parte da problemática, julgo ser necessário evidenciar que ele não se esgota nas incursões estabelecidas aqui. É preciso que novas pesquisas sejam realizadas sobre tema.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. P.; BARREIRA, C. *Pirangueiro, um personagem estigmatizado*: marcador de diferenças no universo criminal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 16., 2013, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.
- BAUMAN, Z. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BECKER, H. S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.
- BRASIL. Presidência da República. *Código de Processo Penal*. Artigo 244, Brasília: Senado Federal, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei. Acesso em: 20 nov. 2014.
- COSTA, A. M. D. *A festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará*. 2. ed. Belém: EDUEPA, 2009.
- FOUCAULT, M. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ. *Procedimento Operacional Padrão: POP-0018/2008*. Macapá: Polícia Militar, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

KANT DE LIMA, R. *A tradição inquisitorial*. RBCS. Brasília, n. 10, p. 65-84, 1989.

MISSE, M. *Malandros, marginais e vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

RAMOS, S.; MUSUMECI, L. Elemento suspeito: abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro. *Centro de Estudos de Segurança e Cidadania*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, p. 1-16, 2004.

REIS, D. B. A marca de Caim: as características que identificam o “suspeito”, segundo relatos de policiais militares. *Caderno CRH*, Salvador, n. 36, p. 181-196, 2002.

RODRIGUES, D. C. S. Os ecos da desigualdade racial nas rotinas de suspeição e abordagem da polícia militar. Encontro *Anual da ANPOCS*. 35. 2011 Caxambu: UFMG, 2011. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/35-encontro-anual-da-anpocs/gt-29/gt30-12/1178-os-ecos-da-desigualdade-racial-nas-rotinas-de-suspeicao-e-abordagem-da-policia-militar/file>. Acesso em 24/03/2013.

SOUZA, J. L. C.; CARDOSO, L. F. C; BRITO, D. C. *Imagens Borradas: jovens da periferia de Belém e seus encontros com a polícia*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 16., 2013, Salvador. *Anais [...]*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2013.

TORRES DE CERQUEIRA, R.; VILAR NORONHA, C. *Escrito em vermelho: a construção do discurso sobre criminalidade e linchamento no jornal*. *Caderno CRH*, Salvador, v. 19, n. 47, p. 247-258, 2006.